

Thais Surian, UNESP – Rio Claro/SP. thaissurian@yahoo.com.br e Vivian Carla Calixto dos Santos, UNESP – Rio Claro/SP. vivccs@gmail.com¹

DO *QUARTO DE DESPEJO* ÀS SALAS DE AULA DE EJA: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DE MULHERES.

Resumo: Esta comunicação apresenta dois estudos realizados que tematizam a leitura e a escrita como práticas culturais: as práticas de leitura observadas em um grupo de mulheres participantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA, e a prática da escrita, como apresentada pela autora na obra "*Quarto de despejo*", escrita na década de 50. Tais práticas, referenciadas na abordagem da história cultural, ancoram-se em estudos que as tomam como ações que são continuamente re-inventadas, no cotidiano de pessoas "comuns" (Certeau, Chartier). Separadas no tempo e no espaço, as praticantes têm em comum a escolaridade incompleta. As aproximações e distanciamentos entre tais práticas nos permitem indagar sobre possíveis sentidos que podem ser criados, para o ler e o escrever, a partir das experiências vivenciadas por essas mulheres.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, mulheres, práticas culturais, escrita e leitura.

Introdução

Brasil, década de 50. Conhecidos como "anos dourados", esse foi um período histórico e político de efervescências, em que o país vivia uma promessa de progresso, expansão econômica, e bem-estar social que deixou marcas históricas, que contaremos em linhas gerais. Em 1951 toma posse o Presidente Getúlio Vargas, por meio de eleições, e propõe um governo nacionalista e populista, tentando implementar uma política que alcançasse as massas populares, tendo conseguido estabelecer um salário mínimo, tendo à frente do Ministério do Trabalho, João Goulart. Também foi obra de Getúlio Vargas a nacionalização da Petrobrás o que veio a estabelecer o monopólio estatal de petróleo. Em 31 de janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek toma posse como Presidente do Brasil. Em seu governo foi lançado o Plano de Metas propondo desenvolvimento econômico nas áreas de energia, transporte, alimentação, indústria de base, educação e a construção de Brasília. Com a abertura ao capital estrangeiro o país desenvolveu-se rapidamente, muito mais na região centro-sul do que no nordeste e, as diferenças regionais que já eram grandes se tornaram ainda maiores. Além disso, com o crescimento da indústria foi necessário maior número de mão de obra trabalhista, o que gerou um deslocamento de pessoas do campo para a cidade e, conseqüentemente, aumentou a pobreza e a inflação nos grandes centros urbanos.

¹ As autoras são Mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP – Rio Claro.

O “dourado” daqueles tempos, no entanto, não predominava em todos os ambientes. Apesar de agora contar com leis trabalhistas e indústria automobilística, por exemplo, muitos ainda viviam no campo, sem fazer jus aos benefícios que regulamentava o trabalho nas cidades, onde já se fazia sentir os efeitos da exclusão social. É nesse cenário que Carolina, mulher de pouca escolaridade, favelada na maior cidade do país, construía, por meio de sua escrita, “castelos de ouro”, como forma de resistir, suportar e suplantar o difícil que se lhe impunha a sociedade, porque ela era pobre, negra, mulher...

Tempos difíceis também para garotas, meninas e adolescentes que, longe do grande centro – São Paulo, viviam uma realidade calcada no trabalho duro da roça, da sociedade machista que as educava para casar, ter filhos e continuar a trabalhar na roça e, portanto, não iam à escola, também porque eram pobres, mas, sobretudo, porque eram mulheres...

Foi apenas neste início de século, no entanto, que encontramos a história de Carolina, por meio de seus escritos, e as garotas, vindas de Minas e do Paraná, já senhoras, alunas de um grupo de EJA, da cidade de Rio Claro. Em nossas pesquisas, realizadas como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, na UNESP de Rio Claro, nos deparamos com essas mulheres “comuns” e suas experiências de escrita e leitura, que nos tocaram para além da realização do trabalho que entregamos e cuja força ainda agora nos impressiona e nos leva à reflexões que, percebemos, não se esgotaram e que procuraremos trazer neste trabalho.

Relataremos, então, a seguir, a trajetória de nossas pesquisas, realizadas individualmente, em 2003 e 2006, para depois olharmos para o que percebemos como pontos de convergência, apesar das diferenças que as constitui.

Duas pesquisas, muitas histórias...

Na pesquisa concluída em 2003, intitulada *Por entre práticas: uma história da leitura em três tempos*, que tinha a proposta de uma aproximação com leitores para uma maior compreensão de como e por que realizam a prática da leitura, nos levou a observar o movimento de leitores numa biblioteca pública municipal de Rio Claro e também a interagir com algumas das outrora meninas/adolescentes da década de 50. Agora senhoras, com idades que variavam entre 55 e 71 anos, encontramos essas mulheres num grupo de EJA, em Rio Claro-SP.

Nos meses em que acompanhamos as atividades daquele grupo, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco das histórias de vida dessas leitoras, histórias que enriqueciam sua prática e se relacionava intrinsecamente com sua busca pela inclusão no mundo das letras num momento da vida em que poderiam sucumbir ao cansaço, às longas distâncias percorridas para chegar ao local dos encontros, ao preconceito e outras adversidades que eram, entretanto, vencidas com um misto de força, alegria e coragem que procuramos trazer para o trabalho realizado.

A pesquisa concluída em 2006, intitulada *Mulheres escritoras relatam sua condição de mulher enquanto escrevem*, é um estudo das práticas de escrita

enquanto uma prática cultural, de mulheres que quando escrevem contam também um pouco da sua condição, tendo como eixo norteador a obra *Quarto de despejo* da Carolina Maria de Jesus.

Quarto de despejo é um diário escrito por uma mulher, que vivia em uma favela de São Paulo durante a década de 50, posteriormente publicado. A autora, que trabalhava como catadora de lixo e que frequentou apenas dois anos do ensino primário na época, descreve sua difícil vida na favela apontando indícios da sua condição feminina naquele ambiente assim como de outras mulheres que de uma forma ou de outra passam por sua vida.

A obra chama a atenção por dois aspectos: o primeiro é o fato de ter sido escrita em folhas soltas, no decorrer de dias e dias, registrando situações de seu cotidiano e deixando transparecer certa condição feminina, sua e de outras mulheres à sua volta; o segundo aspecto diz respeito à produção desse farto material, por uma mulher “comum”, “popular”, sem ter como objetivo determinado a publicação.

Além dos escritos de Carolina, encontramos outros, de uma aluna de EJA da cidade de Rio Claro que tem uma prática de escrita. E, foi com essas mulheres escritoras que tecemos a pesquisa.

A existência de práticas culturais de escrita e leitura, realizadas por atores insuspeitos - uma mulher moradora da favela com pouca escolaridade e leitoras também com pouca ou nenhuma escolaridade, aponta para necessidade de olharmos com mais cuidado para as histórias escritas cotidianamente que permanecem invisíveis, desconsideradas pela história tradicional.

Para essas mulheres “comuns”, de escolaridade incompleta, as práticas de leitura e de escrita têm um sentido em suas vidas, que não o ato mecânico de ler e/ou escrever qualquer palavra, frase ou texto.

Nesse sentido, as pesquisas concluídas tomaram como base a História Cultural, que olha para a história de pequenos grupos, de pessoas “comuns” que não ficaram mundialmente conhecidas pelos seus feitos, mas são indivíduos que possuem uma história de vida tão importante quanto a história contada em livros e que com certeza participaram ou participam da “grande” história.

As práticas, diz Chartier (1991), são inumeráveis. Cada um de nós realiza em um dia de vida profissional ou privada milhares de práticas cotidianas, ordinárias. É impossível recolher ou dar uma representação adequada a essas práticas múltiplas porque há uma situação muito difícil para a análise. Para uma história da leitura, por exemplo, entendemos que também na história da escrita, é necessário organizar modelos de leitura e de escrita que correspondam a uma dada configuração histórica em uma comunidade particular de interpretação. Não se consegue reconstruir a leitura, mas descrever as condições compartilhadas que as definem, e a partir das quais o leitor e o escritor, a escritora, podem produzir a criação de sentido sempre presente em cada leitura e em cada texto escrito.

Entende-se a constituição desses campos – leitura e escrita – no entrelaçamento posto pelas práticas efetivas do ler e do escrever, e pelos caminhos teóricos da História Cultural. Práticas efetivas que são práticas sociais, históricas, culturais, e estão presentes na vida cotidiana dos sujeitos/ alunos [jovens, adultos,

homens e mulheres] tomando formas e modos diversos. Enquanto práticas efetivas, nelas podem ser buscados modos de ler e/ou escrever que podem configurar outras histórias de leitura e de escrita.

Para pensar essas práticas de pessoas “comuns”, recorremos a Michel de Certeau (1994) apontando que as práticas culturais são indissociáveis da existência desses indivíduos “comuns” e que o ambiente no qual estas acontecem são memória de uma cultura:

Mas nessas zonas “literárias” para onde são recalcados (...) continua a prática dessas astúcias, memória de uma cultura. Esses torneios caracterizam uma arte de dizer popular. Tão viva, tão perspicaz (...) numa maneira de dizer uma maneira de tratar a linguagem. (CERTEAU, 1994, p.85)

O movimento intenso de leitura e escrita dessas mulheres, acreditamos ser gerado pelas experiências cotidianas, que as tocam e que lhes passam e, não somente passa, mas que atravessa o seu ser e as provocam de tal maneira, que a escrita e a leitura se tornam fonte de vida, denominada por Larrosa como “experiência”. Pode ser denominada como invenção de si, considerando que é a criação se fazendo em um ambiente onde se acredita que nada possa ser criado.

As autobiografias, por meio dos diários, contribuem para uma maior compreensão dessas práticas como reveladoras de modos de ser, de viver e de existir. De inventar e inventar-se.

Jorge Larrosa, quando se refere à experiência, afirma que ela é:

(...) aquilo que 'nos passa', ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma (LARROSA, 2002, p. 26).

As mulheres leitoras e escritoras passam por experiências cotidianas que as tocam e as transformam de modo que a palavra representada na obra lida ou no texto escrito seja para elas um universo de invenção, de criação de sentidos.

Para Larrosa (2002) o homem é palavra e está tecido de palavra, e por isso o seu modo de viver está indissociado da palavra.

(...) creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, (...) mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (LARROSA, 2002, p. 21)

Entendemos que assim também ocorre com a experiência de tomar a palavra para si e quando as palavras são apropriadas pelos indivíduos, por essas mulheres, surge o que Foucault (2006) chama de “escrita de si”:

o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constitui, um "corpo". E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim (...) como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida "em forças e em sangue". (p. 152)

As mulheres leitoras não se escrevem, mas se vêem escritas em suas leituras e se apropriando dessas palavras lidas de certa forma se escrevem.

Para Foucault (2006, p. 145),

a escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo.

Um pouco de suas histórias será agora desvelado... Vamos deixar elas próprias revelem a dimensão que essas práticas têm na vida dessas mulheres...

Experiências incomuns – o que podem ter em comum?

O modo como uma sociedade trata suas crianças revela muito dos valores dessa sociedade, do que se pretende legar às gerações que chegam. Na sociedade brasileira da década de 50, a infância das crianças pobres era permeada pelas dificuldades que circundavam suas famílias. Em seus diários, Carolina lamenta as condições de vida de seus filhos e a de outras crianças, confinadas à vida da favela:

E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: 'Ri criança. A vida é bela'. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: 'Chora criança. A vida é amarga' (JESUS, 2001, p. 32).

As crianças que moravam na zona rural desde muito pequenas eram solicitadas a trabalhar na roça, contribuindo com a força de trabalho familiar. Assim D. Celina² se refere àquele período:

A gente andava 6 km pra ir na escola e meu pai não deixava fazer a lição. Nós não tivemos infância de criança que brinca. (Celina, abril/2003)

² As mulheres nesse momento citadas são alunas de EJA que fizeram parte da pesquisa concluída em 2003. Os nomes aqui citados são fictícios, utilizados para preservar a identidade das senhoras que participaram da pesquisa.

Para os que viviam no campo, a escola era distante, não apenas no espaço, como também no ideário dos adultos, para quem bastava que seus filhos, mas principalmente suas filhas, aprendessem a ler rudimentarmente, já que seu destino seria o casamento e o trabalho doméstico e para quem ler e escrever eram consideradas atividades desnecessárias, quando não perigosas;

Meu pai era muito ciumento, não deixava as filhas estudar porque tinha medo que nós fosse mandar carta escondido pro namorado... Depois, meus irmãos mais novos foram tudo pra escola. Eu falei pro meu pai: É, eles estudaram e nós ficamos burras. (dona Adélia, abril/2003)

Carolina não vivia no campo nesse período, mas na cidade também enfrentava as dificuldades de uma mulher que não tivera a oportunidade de continuar os estudos:

Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. (JESUS, 2001, p.13)

Chartier (1991) na pesquisa que faz um levantamento da progressão da escrita nas sociedades ocidentais observa as assinaturas de documentos fiscais, judiciais, paroquiais e outros que eram recolhidas entre os séculos XVI e XVIII e percebe que a mulher participa menos do mundo da escrita que o homem e salienta o fato de que as mulheres eram ensinadas a ler, mas não a escrever; a escrita era considerada perigosa para elas.

Segundo o autor,

Saber ler é primeiramente a condição obrigatória para o surgimento de novas práticas constitutivas da intimidade individual. A relação pessoal com o texto lido ou escrito libera das antigas mediações, subtrai aos controles, autoriza recolhimento. (...) Entretanto, saber ler e escrever permite também novos modos de relação com os outros e os poderes. (CHARTIER, 1991, p.119)

O mundo de Carolina era envolto por papéis: fardos pesados que ela coletava, vendia para o sustento seu e de sua família, papéis que ela queimava para obter calor no inverno, papéis que ela via serem desperdiçados na época das eleições. Folhas em que ela inscrevia sua história, porque reconhecia a força da palavra escrita como forma de denúncia. Livros... Carolina trabalhou como doméstica em casas de pessoas importantes, ambientes em que, ao que indica, teve contato com obras e autores clássicos citados no seu diário, onde ela relata uma prática intensa de leitura:

Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (...) Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler. (JESUS, 2001, p.22)

Também entre as senhoras alunas do grupo de EJA pesquisado, a leitura aparece como um ideal acalentado ao longo da vida, cujo acesso se dava por meio de leituras orais em família:

O que eu mais sonhava era pegar um livro; o que eu achava mais bonito era alguém com um livro assim, lendo. Eu pegava o livro assim e ficava falando, como se eu tivesse lendo (Angela, abril/2003).

Meu pai lia tantas histórias pra gente, era a coisa mais linda. (Adélia, abril/2003)

Mesmo quando a leitora era a própria mulher, o livro aparece como um objeto cujo manuseio, ou ao menos a posse, é privilégio do “chefe da família”:

Será que a gente acha aquele livro “As mais belas histórias” Meu pai tinha, eu lia demais, mas eu não trouxe... (Alice, que mudou de outra cidade para Rio Claro, quando o livro mencionado se perdeu. maio/2003)

Já Carolina apresenta autonomia para realizar a leitura, que não faz apenas para si, mas também para os filhos e outras mulheres:

Hoje eu estou lendo. E li o crime do Deputado de Recife, Nei Maranhão. (...) li o jornal para as mulheres da favela ouvir. (JESUS, 2001, p. 54)

Talvez essa liberdade faça com que Carolina preferisse estar só, viver sem um marido, talvez temesse que a sua prática ficasse prejudicada se em sua casa vivesse um “chefe de família”:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para meu ideal. (JESUS, 2001, p. 44)

E, referindo-se às mulheres casadas da favela, afirma:

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas... Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los [os filhos] (JESUS, 2001, p. 14)

Também as mulheres do grupo pesquisado se referem a essa liberdade conquistada agora que não vivem mais com seus pais, estão viúvas e seus filhos adultos, celebrando a oportunidade de voltar a estudar:

Eu sonhava muito estudar, mas nunca deu. Quando eu tinha 17 anos fui passear na casa da minha madrinha; as minhas primas estudavam, faziam o 'o', outras letras, eu não sabia que letra era; quando cheguei em casa, chorei. Agora eu tô começando a viver. (Angela, abril/2003)

Eu não vou perder essa oportunidade de jeito nenhum! (Adélia, ao se referir à possibilidade de continuar freqüentando as reuniões de estudo, abril/2003)

Podemos perceber que as mulheres das histórias que focalizamos em nossas pesquisas fazem parte de um grande grupo, que no século XX, sobretudo nos últimos cinquenta anos, fizeram uma revolução silenciosa e pacífica, embora não passiva:

A difícil Revolução da Mulher sem agressividade, ela que foi tão agredida. Uma revolução sem imitar a linha machista na ansiosa vontade de afirmação e de poder, mas uma luta com maior generosidade, digamos. Respeitando a si mesma e nesse respeito o respeito pelo próximo, o que quer dizer amor. (TELLES, 2001, p. 672)

As mulheres agora não são mais explicadas pelos homens, nos diz a escritora. “Agora é a própria mulher que se desembrulha, que se explica”. É o que faz Carolina. É o que fazem também as mulheres leitoras, que embora não se escrevam se vêem escritas em suas leituras e se apropriando das palavras lidas, de certa forma se escrevem, se constroem nesse fazer:

O que somos não é outra coisa que o modo como nos compreendemos, o modo como nos compreendemos é análogo ao modo como construímos textos sobre nós mesmos e como são esses textos depende de sua relação com outros textos e dos dispositivos sociais em que se realiza a produção e a interpretação dos textos de identidade. (LARROSA, 1996, p. 464)

Identidade que se constrói não somente pela “escrita do real”, mas também nos momentos em que essas mulheres se permitem sonhar, seja pela própria escrita:

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes são brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades.

(...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (...) As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários. (JESUS, 2001, p.52).

Seja pela leitura de textos escritos por outras pessoas:

Eu adoro poemas, eu já ouvi no rádio... (Alice, julho/2003)

Achei uma poesia com o meu nome. (Dulce, ao folhear um livro de poesias, maio/2003)

Se pode escolher, eu prefiro este de poesia, que acho mais bonito. (Angela, ao manusear livros diversos, abril/2003)

Constante na escrita de Carolina, a poesia é buscada também com ânsia pelas senhoras leitoras... Indícios de que a arte é uma necessidade?

Algumas considerações...

Neste trabalho procuramos trazer um pouco das experiências vividas por mulheres como leitoras e escritora, valorizando seus saberes, suas atitudes, numa tentativa de evidenciar o quanto práticas singelas, desconsideradas pela grande história, acabam por fazer história...

Mas não quisemos apenas trazê-las na qualidade de participantes anônimas de um processo, dada a singularidade e relevância que identificamos em suas histórias de vida. Essas mulheres lêem e escrevem, por motivos tantos, que não tencionamos explaná-los, apenas seguir refletindo e perguntando... A escrita que relata a dificuldade, mas que também permite como a leitura, o sonho e invenção de um mundo em que eles se realizam... Das dificuldades relatadas e que se mesclam no texto lido/escrito; assim como escrever e ler remete aos castelos imaginários, como diálogos travados com elas mesmas, seria o ato da escrita e da leitura também uma possibilidade de diálogo com as dificuldades? Não nos referimos à questão de superação de dificuldades, o que desviaria nossas intenções de análise para outros campos; referimo-nos ao diálogo com as dificuldades pelas quais passa como um diálogo com a própria condição, com os modos de existir, com os modos de pensar a si mesma num contexto dado...

Pode-se pensar, ainda, que a escrita e a leitura, ou o ato de conhecer, ou de conhecer-se acaba por se transformar num ato de poder, já que a partir do contato com essas práticas, elas passam a comandar a própria vida, a “enfrentar o mundo de cabeça erguida”?

Por fim, não poderíamos deixar de destacar o lirismo presente na escrita de Carolina, o lirismo buscado pelas leitoras em formação no grupo de EJA e a sua coragem ao fazê-lo, não apenas porque leitoras e escritora lêem/escreve textos poéticos, mas porque se expõem a esses textos, se expondo na sua escrita... Muitos hoje preferem seguir anestesiados, sem entrar em contato com a poesia da vida,

sua beleza, dor e grandiosidade. Quisemos fazer deste texto uma forma de saudação aos que continuam se arriscando, enfrentando os perigos decorrentes de se buscar aqui e ali a poesia de que é constituída a vida... Ou a vida mesma?

Referências bibliográficas

AGUIAR, C.M.; CAMARGO, M.R.R.M. Registros alternativos de saberes culturais. *Revista EDUCAÇÃO: Teoria e Prática*. V. 10, no. 18, jan-jun, 2002; e no. 19, jul-dez, 2002, p. 43-48.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1990.

_____. As práticas da escrita. In: *História da Vida Privada. Da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. (org). *História da Vida Privada. Da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: *Ditos e escritos: estratégia, poder-saber*. V. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.144-162.

JESUS, C.M.D. *Quarto de despejo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LARROSA, J. *La experiencia de La lectura: Estudios sobre Literatura y Formación*. Barcelona: Laertes, 1996.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abr, 2002.

_____. Ler em direção ao desconhecido. Para além da Hermenêutica. In: *Nietzsche & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.13-46.

TELLES, L. F. Mulher, Mulheres. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.